

Instituto de Saúde Mental é modelo no País

Raimundo Rocha

Uma nova proposta em assistência à saúde mental, implementada no Distrito Federal desde 1987, está servindo de modelo para todo o País, pelas suas técnicas modernas e mais eficientes no tratamento de doentes mentais. É o Instituto de Saúde Mental, ligado à Fundação Hospitalar, que funciona na Granja do Riacho Fundo, antiga residência oficial, como um Hospital-dia, recebendo pacientes durante o dia para atividades especiais de reabilitação social e que à noite retornam para suas casas, mantendo os vínculos afetivos com suas famílias.

Atualmente, cerca de outros cinco estabelecimentos desse tipo foram criados em outras regiões do País e praticamente influenciaram o deputado federal Paulo Delgado (PT-MG) a apresentar um projeto de lei para extinguir os manicômios tradicionais, que mais parecem asilos ou depósitos para pessoas rejeitadas. A luta antimanicômios, entretanto, enfrenta a poderosa rede privada, que se sustenta pela remuneração do setor público e está levando o Hospital-dia a um fogo cerrado das entidades representativas do setor e até de órgãos do governo local.

Farpas — As queixas de ambos os lados são manifestadas pelas farpas distribuídas em notas e artigos veiculados na imprensa. Esta semana, depois de tomar conhecimento da aprovação do projeto do deputado petista na Câmara dos Deputados, o presidente da Federação Brasileira de Hospitais, Carlos Eduardo Ferreira, disparou chumbo grosso contra a proposta do Legislativo, criticando arduamente a desospitalização do setor de saúde mental. Ele chegou a afirmar que o autor do projeto está “confundindo Woodstock com Rock in Rio e sem aprender a diferença entre ‘muito louco’ e ‘doente mental’.

Carlos Eduardo Ferreira argumenta em seu artigo publicado no **CORREIO BRAZILIENSE** do dia 7 passado, que essa experiência foi feita nos Estados Unidos e acabou em desastre para o sistema de saúde mental. Ele acha que se isso aconteceu nos EUA “porque não haveria de se repetir com mais intensidade no Brasil, onde fatos semelhantes ocorrem, porém sem registros, e onde são mais precárias as estruturas de atendimento à saúde?”, questiona.

Sem discussão — Para a diretora do Instituto de Saúde Mental, Ridete Carvalho, essa discussão na verdade está entrando em alçada político-partidária e isso não interessa de fato aos objetivos dos que atuam com profissionalismo. “Quero ficar distante dessa discussão”, ressalta, avaliando que também o sistema de saúde não deve se envolver em política. “Sou contra o uso e manipulação política do paciente”, justifica Ridete, por achar que o paciente não deve servir para qualquer propósito político-partidária ou mesmo financeiro.

Recentemente, órgãos do próprio GDF também dispararam alguns torpedos contra a iniciativa do Hospital-dia, com o intuito de torná-lo em um organismo de atendimento aos meninos de rua de Brasília. Mas a investida foi imediatamente rechaçada pela Associação Psiquiátrica de Brasília, em um apelo ao governador Joaquim Roriz veiculado pela imprensa. No documento, a entidade demonstra preocupação com a idéia de dividir o espaço físico do Instituto por acreditarem que isso representaria um retrocesso “naquilo que a medicina especializada tem de mais avançado no mundo atual, que é o Hospital-dia”. No apelo ao governador argumentam que o Instituto constitui uma das mais expressivas instituições do País “e não seria lícito que fosse desvirtuada sua finalidade”, sentencia a entidade.

JUNIOR BARON



A antiga churrasqueira “Querência dos Maragatos” abriga hoje oficinas de terapias e serve de ambiente para festeiros entre pacientes